

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

ANIE JULIE E SILVA RODRIGUES

**RUMOS NO JORNALISMO: O QUE FAZEM OS FORMADOS EM JORNALISMO
DE 2019 DA PUCRS E DA UFRGS**

Orientador: Prof. Deivison Moacir Cezar de Campos

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ANIE JULIE E SILVA RODRIGUES
(Anie.Rodrigues@edu.pucrs.br)

**RUMOS NO JORNALISMO: O QUE FAZEM OS FORMADOS EM JORNALISMO
DE 2019 DA PUCRS E DA UFRGS**

Projeto de monografia apresentado ao curso de
Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e
Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

Orientador: Prof. Deivison Moacir Cezar de Campos

Porto Alegre
2023

ANIE JULIE E SILVA RODRIGUES

Rumos no Jornalismo: o que fazem os formados em jornalismo de 2019 da PUCRS e da UFRGS?

Trabalho de conclusão de curso apresentado para a Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Jornalismo no ano de 2023.

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Diante de tamanha responsabilidade em me tornar uma jornalista, gostaria de agradecer aos familiares que tornaram possível a minha trajetória até a chegada deste momento, em especial a minha avó paterna Elisia de Moura, que me mostrou o quão forte a persistência nos torna diante dos desafios.

Gostaria também de agradecer aos meus dindos Célia e Sérgio pelo apoio, desde a ideia para ingressar em uma profissão tão arriscada, até a revisão e discussão do tema desta monografia.

Estendo esses agradecimentos aos mais chegados da família que sempre me guiaram por um caminho bom, mesmo com suas próprias dificuldades.

Ainda em família, não posso deixar de agradecer o apoio recebido pelo meu mais que melhor amigo Gabriel. Não sei o que o destino nos reserva, mas crescer ao teu lado me mostrou que sou capaz de coisas inimagináveis, e estendo esse agradecimento a tua família também.

Fica também o registro do agradecimento à minha dupla de ouro da infância vivida em Guaíba, Francine Dias e Verônica Rosa, pelas incontáveis discussões, chamadas de vídeo e suporte durante todo o processo que envolveu a chegada até a formatura.

Também gostaria de celebrar nesta dedicatória a irmandade que criei com meus colegas, mesmo estando sempre distante. Dedico, especialmente a Bárbara Macalós e a Alexia de Albuquerque todo meu amor e carinho, pois essa jornada se tornou mais leve e rica ao lado de vocês.

Por último e não menos importante, um agradecimento com saudades, por aqueles que não estão mais aqui, mas que estarão sempre comigo.

RESUMO

O presente projeto se trata de uma pesquisa que pretende compreender o rumo que profissionais jornalistas formados em 2019 tiveram em suas carreiras. Por meio de uma pesquisa qualitativa, entrevistamos vinte jornalistas formados em universidades públicas e privadas na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Utilizamos um questionário online para entender até que ponto a formação acadêmica foi suficiente para dar continuidade na profissão e para desvendar onde estes até então jornalistas, estão hoje, depois da pandemia de Covid-19 que acarretou mudanças drásticas no cenário jornalístico, abrangendo tecnologia, métodos e desafios do cotidiano da informação, analisando os pontos positivos e negativos resultantes desta nova perspectiva, que mostra a valorização da formação acadêmica, mas que também expõe a fragilidade da profissão para quem ingressa no mercado de trabalho.

Palavras-chave: jornalismo; precarização; mercado de trabalho; pandemia; comunicação;

ABSTRACT

The present project is a research that intends to understand the direction that professional journalists graduated in 2019 had in their career. Through a qualitative research, we interviewed twenty journalists trained in public and private universities in the city of Porto Alegre, in Rio Grande do Sul. We used an online questionnaire to understand the extent to which academic training was sufficient to continue in the profession and to discover where these journalists are today, after the Covid-19 pandemic, which led to drastic changes in the journalistic scenario, covering technology, methods and challenges of daily information, analyzing the positive and negative points resulting from this new perspective.

Key-words: journalism; precariousness; job market; pandemic; communication;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....	33
Figura 2.....	33
Figura 3.....	34
Figura 4.....	35
Figura 5.....	36
Figura 6.....	37
Figura 7.....	41
Figura 8.....	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	CENÁRIO DO JORNALISMO APÓS 2020.....	13
2.1	DEFINIÇÕES E CENÁRIO.....	15
2.2	INTERNET E DESINFORMAÇÃO.....	17
2.3	MULTIPLATAFORMAS INTERATIVAS.....	19
3	FORMAÇÃO E MERCADO.....	21
3.1	MERCADO DE TRABALHO E PRECARIZAÇÃO.....	24
3.2	A IMPORTÂNCIA DO DIPLOMA.....	26
3.3	O PAPEL DAS DIRETRIZES NA FORMAÇÃO DOS JORNALISTAS.....	28
4	FORMADOS EM 2019.....	31
4.1	MÉTODOS E QUESTIONAMENTOS.....	32
4.2	DA PESQUISA: INTENÇÕES E INDAGAÇÕES.....	33
4.2.1	DOS APONTAMENTOS EM GRÁFICOS.....	34
4.3	ENTENDENDO OS FORMADOS.....	39
4.4	ANALISANDO AS MUDANÇAS.....	46
5	CONCLUSÃO.....	50
6	REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

A maioria dos universitários encontra na faculdade a chance de mudar a história de suas vidas, com uma profissão que alcance excelência e prosperidade, e isso não é diferente para os estudantes de jornalismo. Das diversas possibilidades em uma graduação na área da comunicação, o jornalismo permite que o estudante cresça e se capacite em diversas áreas de atuação, desde edição, escrita, fotografia e até habilidades em criação de sites e aplicativos. Além disso, as oportunidades mercadológicas são variadas. Seja como correspondente internacional, redator ou até mesmo empreendendo de forma autônoma, quem se forma em jornalismo está apto para atuar nas mais diferentes posições. Mas ainda que exista uma gama de ocupações em que um jornalista possa se encaixar, nem todas compactam o número de profissionais disponíveis no mercado. Na realidade, a imagem do jornalista dos anos 2000 difere completamente dos jornalistas do século passado, por conta de diferentes fatores.

O primeiro deles é a tecnologia. A chegada da internet como a conhecemos hoje, possibilitou muitas melhorias no campo do jornalismo, mas mudou completamente sua forma de produzir, o que impacta diretamente na sua qualidade. Segundo Bianco (2004, p.1):

No entanto, é necessário considerar para melhor compreensão que a essência da natureza das tecnologias da informação de hoje, especialmente a Internet, difere radicalmente de outras do passado, e sua influência pode carregar transformações de valores e conceitos. Para o jornalismo, a adoção dessas tecnologias da informação sinaliza mudanças que não ficam apenas no nível da troca de roupa, sendo bem mais profundas do que muitos costumam analisar, podendo até mesmo solapar valores fundadores dessa práxis social.

O segundo fator tem uma relação estreita com o primeiro, já que com novas tecnologias, as exigências quanto a capacidade do jornalista, também mudam. Lima Junior (2011, p. 47) explica:

Não é novidade que desde os primórdios da evolução tecnológica, a atividade jornalística tem sido impactada constantemente pelas introduções de novas formas de produção e distribuição de conteúdo de relevância social. Contudo, no campo do jornalismo, somente agora, existe uma

percepção da importância de entender como as tecnologias modificam ou modificam os modos do fazer e consumir jornalismo.

Somado a isso, existe a pressão relacionada ao imediatismo das novas redes de comunicação, onde “bom jornalista passou a ser mais aquele que consegue, em tempo hábil dar conta das exigências de produção de notícias” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 36).

Essas dificuldades, acrescidas da decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal em 17 de junho de 2009 que retira a obrigatoriedade do diploma para que a profissão seja exercida, tornam o ambiente de trabalho do jornalista cada vez mais precário. Essa brecha que flexibiliza as contratações, coloca profissionais qualificados em uma situação de dúvida quanto a colocação no mercado, já que mesmo possuindo as aptidões necessárias, outro profissional que execute as mesmas funções, mas sem o diploma pode ser alocado nas funções de jornalista.

A precarização como um todo gerou uma crise que vem se agravando ao longo dos anos em toda a área de atuação dos jornalistas. Mesmo com oportunidades em assessorias, startups e projetos *freelancers*, não existe um mapeamento capaz de identificar quantos dos jornalistas formados conseguem de fato, se encaixar em profissões tradicionais, como por exemplo, dentro das redações e estúdios de televisão.

Considerando a teoria apresentada, somada a juntamente a ausência de dados sobre a colocação dos formados em jornalismo de Porto Alegre, o presente trabalho tem como objetivo reunir e analisar dados sobre a atual situação dos estudantes de jornalismo formados no ano de 2019, não descuidando do contexto mercadológico pós pandemia. Como amostragem, selecionamos uma turma de universidade pública (UFRGS) e uma de universidade privada (PUCRS), para melhor compreender como profissionais com as mesmas qualificações se adaptam em diferentes mercados de trabalho, sendo eles dentro ou fora de sua área de formação.

Para a construção deste trabalho, serão consultados autores como Beltrão (2002), Marcondes Filho (2000) e Dantas (2017). Beltrão tem como papel trazer à luz a profissão jornalista como um todo, e juntamente com Marcondes referenciar o mercado de trabalho da comunicação. Dantas trata da precarização e das mudanças que ocorreram no processo de evolução no jornalismo.

Confortin e Sprandel (2007) vão complementar o perfil do que é ser jornalista e como ele atua na realidade digital. Rossi (2000) vai ajudar a identificar o que é “jornalismo tradicional”. Moraes e Antonioli (2016) vão delimitar e explicar o atual cenário do jornalismo com o advento da internet e das novas tecnologias.

Por fim, Pereira e Adghirn (2011) vão tratar das mudanças do jornalismo como profissão como um todo, tratando das novas tecnologias e dos novos valores-notícia.

A introdução vai abordar os desafios que os novos jornalistas encontram durante e após sua jornada acadêmica. A ideia aqui é também explicar a importância da adaptação para a sobrevivência da profissão.

No segundo capítulo será contextualizado o cenário atual do jornalismo contemporâneo e serão apresentadas as definições sobre o que é jornalismo tradicional e o que vai além do campo da comunicação. Além disso, serão abordadas as novas formas de compartilhamento de informações e as consequências da desinformação, acompanhadas das novas plataformas de trabalho.

No terceiro capítulo, o tema da precarização e a luta pela validação do diploma de jornalismo entram em cena, bem como são apresentados os estudantes alvo da pesquisa.

No quarto capítulo serão apresentados os dados e quais são as intenções da pesquisa como um todo, com amostras das perguntas e as diferentes respostas e no último, considerações finais e resultados do mapeamento.

Neste projeto serão utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, definidas por Sousa, Oliveira e Alves (2021, p. 65):

A pesquisa científica é iniciada por meio da pesquisa bibliográfica, em que o pesquisador busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema e o problema da pesquisa a ser realizada. Ela nos auxilia desde o início, pois é feita com o intuito de identificar se já existe um trabalho científico sobre o assunto da pesquisa a ser realizada, colaborando na escolha do problema e de um método adequado, tudo isso é possível baseando-se nos trabalhos já publicados.

Outro método utilizado neste trabalho é o questionário que é uma “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de

opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, p. 128, 1999)

Já Bardin (p. 42, 1977) afirma que análise de conteúdo se trata de:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Considerando os diferentes percursos acadêmicos, o contexto mercadológico e os impactos no formato de trabalho tradicional causados pela pandemia do Covid-19, podemos afirmar que existe sim uma quebra no sistema de trabalho jornalístico convencional. Segundo Ripollés (2021, p. 11) ainda sobre a pandemia:

Essa situação provocou uma deterioração das condições de trabalho dos jornalistas. O coronavírus trouxe despedimentos, reestruturação laboral e precarização ao sector, afetando negativamente o emprego jornalístico e constituindo-se como uma séria ameaça à garantia da qualidade das notícias, numa altura em que esta é mais necessária do que nunca.

Também é importante ressaltar que ao mesmo tempo que centenas de oportunidades surgiram no meio digital, outras tantas dificuldades nasceram no âmbito das redações. Como ressaltam Lopes e Bonisem (2019, p. 2):

Em um novo momento enfrentado pelos jornalistas, configurado pelas exigências de mercado das empresas de comunicação e pelas mudanças tecnológicas, vão ser exigidos dos jornalistas conhecimentos específicos das novas ferramentas de trabalho.

Levando isto em consideração, juntamente da ausência de dados sobre a colocação dos formados em jornalismo da cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, o presente trabalho tem como objetivo reunir e analisar dados sobre a posição dos estudantes de jornalismo formados no ano de 2019, considerando um contexto mercadológico pós pandemia.

Este estudo é direcionado tanto aos profissionais que já atuam a mais tempo no jornalismo, bem como a aspirantes à profissão, que desejam compreender os rumos que a notícia e a busca da verdade podem fornecer.

2 CENÁRIO DO JORNALISMO APÓS 2020

Com o impacto da pandemia de Covid-19, o formato de trabalho passou a ser remoto, compilando profissionais ao redor do mundo, alocados em diferentes regiões em salas de vídeo virtuais. Até mesmo os jornalistas que precisaram permanecer de forma presencial na cobertura dos números relacionados às mortes causadas pela doença, tiveram de adaptar o modo que se produz a informação: máscaras, microfones à distância e uma cobertura mais sensível, mantendo a prática de coletar a opinião de especialistas em saúde, para reforçar a importância da proteção e cuidado com o coronavírus.

Para Meloc e Siqueira (2020, p. 10) “em inumeráveis imagens, notícias, reportagens, em rotinas produtivas alteradas por uma pandemia com desfecho ainda em aberto, o Jornalismo emerge como protagonista, na televisão e na internet”. Diante do isolamento, a dinâmica da interação social passou a depender formalmente das informações que circulavam em todo o mundo.

O público passou a consumir mais informações como ferramenta de escape, indo além da tradicional busca por informação cotidiana. Ripollés (2021, p. 3) afirma que:

A emergência sanitária causada pelo surto da covid-19 levou a um acentuado aumento no consumo de notícias. A necessidade de se informar e de adquirir conhecimentos sobre a pandemia para reduzir a ansiedade e poder adaptar-se a esta situação complexa desencadeou um aumento mundial da procura de notícias, tanto nos *media* convencionais como digitais, bem como nas páginas da internet.

Este aumento contrasta com uma realidade mercadológica diferente para os profissionais da comunicação. Dados do impacto da Medida Provisória, número 936 de abril de 2020, segundo a Federação Nacional de Jornalistas, revelam um problema que passou a ser comum na rotina dos jornalistas: mais de quatro mil profissionais tiveram impacto salarial com as mudanças ocasionadas pela pandemia, número que representa somente 16 das 31 bases sindicais da profissão do país.

Além de novos métodos de trabalho, os riscos infecciosos e a desvalorização do profissional, a pandemia escancarou um velho fantasma da imprensa mundial: a desinformação. Wolf (1999, p. 9) afirma que: "A comunicação é intencional e tem por objetivo obter um determinado efeito, observável, suscetível de ser avaliado na medida em que gera um comportamento que se pode de certa forma associar a esse objetivo".

Valendo-se dessa premissa, agentes políticos, sociais ou até pessoas comuns passaram a usar de maneira intencional a desinformação como uma ferramenta cotidiana de ataque, não somente aos jornalistas, mas sim a diversas camadas da sociedade. Wainberg (2018, p. 157) ressalta que:

(...) o emissor leva em conta as condições do ambiente físico da interação social e o canal adequado à difusão da mensagem mobilizadora. Ele também premedita e calcula o efeito persuasivo desejado. Para isso, a fonte considera a predisposição afetiva do público ao sugestionamento. Dessa combinação de fatores resulta um volume de excitação.

A desinformação tomou forma e ganhou força no Brasil em 2018, por meio de campanhas e ataques relacionados estritamente a questões políticas e a partir disso, o cenário terminou por se agravar ainda mais nos três anos seguintes. Teorias conspiratórias, irresponsabilidade e propagação de inverdades foram capazes de unir diferentes veículos no país para criar um consórcio entre diversos veículos de notícia, no qual os números da pandemia de Covid-19 foram atualizados diariamente. Além disso, os sites e agências de fact checking desempenharam um papel crucial para a manutenção da circulação de notícias no Brasil.

Essa união, dentre tantas outras por parte de diferentes grupos da informação ao redor do mundo, formaram uma força tarefa impelida pela missão de desmentir diferentes abordagens: desde medicamentos milagrosos, vacinas com chips e as diferentes origens do SARS-Cov-2, vírus que devastou mais de 15 milhões de vidas de acordo com relatórios da Organização Mundial da Saúde.

O resultado desse impacto foi uma espécie de ramificação das redações, que passaram a ser quartos, salas e escritórios dentro das residências dos jornalistas, que além de se dedicar de forma integral a profissão, se empenharam tanto na verificação e contenção de informações falsas em diferentes mídias sociais, quanto na produção de conteúdo para a imprensa tradicional.

2.1 DEFINIÇÕES E CENÁRIO

Para entender melhor o cenário atual do jornalismo, precisamos compreender as mudanças que ocorreram no formato de produção. Conceituando o jornalismo tradicional, Almeida (2021, p.53) diz que reconhecido como o “jornalismo clássico”, sua linguagem e apresentação tendem a ser formais e diretas, além de serem de fácil acesso a grande porcentagem da população.

Também é importante lembrar que ao falar de jornalismo tradicional, não tratamos apenas do modelo impresso, mas sim da mídia de grande massa que é distribuída para o público em geral, e que não carece de resposta imediata, como a televisão e o rádio. Outro fator relevante neste contexto é que o jornalismo tradicional nesse caso não se limita somente ao conteúdo produzido, mas se alastra também no campo profissional, no formato de estudo e trabalho dos jornalistas.

O jornalismo tradicional do século XXI é diferente do que surgiu com a imprensa e os tipos de Gutenberg¹, mas conserva alguns dos valores mais antigos, ainda que sobreviva em um ecossistema totalmente modernizado. Apesar de apresentar queda nos números, mais de 300 mil exemplares de jornais em papel foram impressos em 2022, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação.

Esse reflexo mostra que mesmo não convergindo diretamente com a mudança tecnológica, a necessidade de se informar permanece nos públicos. Um estudo realizado pela Kantar IBOPE Media (2022) ressalta que 25% do tempo em que os brasileiros consomem conteúdo televisivo é direcionado ao jornalismo, reforçando a ideia de que o público ainda tem laços fortes com o jornalismo tradicional.

É importante levar isso em consideração, pois os resultados deste trabalho vem da perspectiva que mostra a delimitação do que é jornalismo tradicional, e o que é o jornalismo contemporâneo.

Atualmente, existem diferentes opções para se trabalhar com comunicação. Diversas graduações fornecem uma gama de conhecimentos chave para ingressar

¹ Gutenberg foi o criador da prensa com tipos de chumbo móveis, item que possibilitou a produção jornalística em larga escala

na área, mas para o jornalista, somente escrever não basta. Segundo Bertolini (2017, p. 214):

Multimídia e multitarefa se converteram nos dois termos mais notórios do mercado de trabalho dos jornalistas. O primeiro indica que o profissional deverá ser capaz de fazer trabalhos para mais de um veículo midiático, como jornal e rádio, ao mesmo tempo. O segundo estabelece que o jornalista deverá fazer tarefas, como redigir textos e tirar fotos, que até bem pouco tempo atrás competiam a profissionais distintos.

Levando em consideração as diferentes mídias que existem na sociedade, são necessárias aos jornalistas aptidões como: edição, produção, roteirização, domínio de softwares e ferramentas de trabalho que possam ser encaixadas nos formatos de áudio, vídeo, texto impresso, texto online, newsletters, cards e tantas outras produções.

O papel desempenhado pelo profissional também exige mais do que somente boas intenções e talento. O jornalista precisa ser muito mais rápido e não cometer erros, pois a instantaneidade da internet possibilita a qualquer pessoa, com alguns toques, informar aos demais, já que “desde a criação dos tipos móveis e do conceito de Imprensa, a participação de leigos sempre esteve ligada ao jornalismo” (STEGANHA, 2010, p. 36).

Apresentando estas diferentes perspectivas, após 2020, conhecemos um jornalismo moderno que precisa ser multifacetado, instantâneo e que precisa não somente informar, mas responder as questões que seu público impõe de forma ativa nas conexões possibilitadas pelas novas tecnologias.

Quando o jornalismo era um embrião que residia somente no papel, muito se discutiu com a chegada do rádio, e o mesmo aconteceu quando a televisão chegou aos lares do público. As novidades tecnológicas sempre se apresentaram como barreiras a serem transpostas, mas a verdade é que a cada avanço, o jornalismo se integra cada vez mais à sociedade. Com o advento da internet, não foi diferente.

O surgimento de uma rede mundialmente conectada abriu portas para que a comunicação entre os seres humanos evoluísse de forma constante. Hoje, quem precisa entrar em contato com alguém do outro lado do mundo não precisa de muitos cliques, e esta noção se expandiu para a produção de notícias.

Bianco afirma que no jornalismo, a adoção das tecnologias da informação sinaliza mudanças que não ficam somente na troca de roupagem, sendo bem mais profundas do que muitos costumam analisar (2004, p 2).

A internet proporcionou ao jornalismo, um poder de onipresença e onisciência, garantindo a produção de conteúdo independente da localização ou horário. Mas, cobra um preço alto quando se fala de distanciamento do trabalho, e boa parte do que ameaça o trabalho do jornalista hoje, também veio junto com a mesma.

Steganha (2010, p. 35) também ressalta que:

Neste novo contexto, a comunicação deixou de ser unidirecional. Ela passou a ter várias entradas e saídas, não deixando mais claro quem é o emissor e quem é o receptor da mensagem. Dessa forma, começou a se desenvolver na web um modelo de autoria coletiva, inspirado na colaboração de todos os internautas.

No começo, se tratava da adaptação dos conteúdos da televisão, do rádio e do modelo impresso, mas agora se trata de uma nova cultura, que nasceu e cresceu com as facilidades do instantâneo, o que alterou até mesmo a forma como as notícias são produzidas e entregues.

2.2 INTERNET E DESINFORMAÇÃO

Com o avanço da tecnologia e o imediatismo provocado pelo amplo acesso à informação, muito do que se construiu ao longo dos séculos sobre a imagem da imprensa foi alterado. Antes, a palavra do jornalista tradicional era tida como veredito mesmo com a possibilidade de resposta - por carta ou telefone, no caso das grandes mídias. Diante da velocidade instantânea na interação entre o jornalista e o público, a dinâmica da resposta se modificou.

Hoje, a informação precisa ter, além da veracidade como norma, precisão e rapidez. Qualquer erro, por menor que seja, será apontado pelo público, que reage simultaneamente ao que consome. Plataformas que não são necessariamente jornalísticas como o Youtube, Instagram e Facebook se tornaram o filtro onde quem consome a informação devolve sua própria perspectiva. O termo “bolha social”, criado por Karl Popper, se reinventou com as infinitas possibilidades da internet. Segundo Barreto e Pellizzari (2019, p. 61):

Desde o surgimento da internet as comunidades virtuais foram criadas com o intuito de aproximar aqueles que pensam igual, sem mais a barreira física ou geográfica. A diferença dessas bolhas pretéritas para as sociais

modernas é a escolha voluntária do usuário de se juntar aquela comunidade, sem a influência direta de um algoritmo, como decorre do advento informático.

Adotando este contexto como base, podemos ressignificar a participação do público na formação e disseminação da notícia. Ao mesmo tempo em que uma bolha pode amplificar a distribuição de uma notícia em seu meio, ela pode interceptar este alcance em outras esferas avessas ao que é compartilhado, mesmo se tratando de uma notícia verídica. Outro fator que prejudica o jornalismo está relacionado justamente ao compartilhamento de desinformação nessas mesmas bolhas, que possuem um intrincado sistema de distribuição em massa.

Com o surgimento da pandemia, a forma como a notícia chegou ao público também se alterou. Para Miranda, Fidalgo e Martins (2021):

Por seu lado, o fortíssimo impacto da pandemia nas vidas quotidianas predispôs as audiências a absorverem tudo o que de mais impactante dizia respeito ao tema. Como neste tempo também se tornou mais difícil manter as rotinas de verificação de informação entre os jornalistas (por força das novas condições de trabalho), os exemplos de desinformação e manipulação proliferaram no espaço público — seja através das redes sociais e de “produtores de conteúdos” que nada têm a ver com jornalismo, seja através dos média tradicionais, mais pressionados pela rapidez, pela concorrência e pela vontade de ganhar visibilidade.

Somado ao desafio das bolhas, encontra-se a instantaneidade como um processo de desafios para o atual jornalismo. Apesar da facilidade em discorrer sobre variados temas, a resposta imediata por parte do consumidor da informação reflete o nascimento de um problema que não é exclusivo do jornalismo moderno, mas que obteve outra dimensão no mundo digital. De acordo com Bianco (2008, p. 6-7) apud Ferreira (2015, p. 8-9):

A internet abriu ao jornalismo e aos jornalistas “uma janela de oportunidades”, mas que exige um trabalho redobrado, torna-se mais fácil chegar às fontes, porque estas atualmente também entram em contato com os profissionais dentro da rede. Aprofundam-se e contextualizam-se temas porque há facilidade de acesso às matérias. Mas, surge também uma questão importante, a verificação dos conteúdos, porque todos têm acesso aos mesmos dados e todos trabalham sobre a pressão do fator tempo na linha da concorrência.

Com a mesma velocidade de resposta, uma notícia produzida por alguém que pode ou não ser um jornalista chega muito mais rápido a mais locais. Isso traz à tona a insegurança em que vive o profissional jornalista. Além da crise monetária que afeta o cenário profissional, a falta de métodos de verificação causa diferentes danos ao redor do mundo.

A incerteza do público sobre a confiança nos veículos abriu uma brecha para que diferentes parcelas utilizassem a “notícia” como uma injeção de veneno no que era tido como certo. Movimentos como os anti-vacinação, terra plana e até conspirações ganharam força com a disseminação na internet, e o que era destinado somente a fóruns no início das conexões tomou proporções ainda maiores, chegando até os lares das pessoas por meio dos smartphones.

2.3 MULTIPLATAFORMAS INTERATIVAS

Na contemporaneidade, os produtos jornalísticos já não se limitam somente aos veículos que os produzem. O avanço tecnológico possibilitou o crescimento em massa do consumo midiático, seja ele noticioso ou não. Agora, os jornais impressos, rádios, canais de tv e conglomerados inteiros de informação, tem um novo espaço para trabalhar, um alcance mais rápido e todo o conforto que vem de estar em uma constante vitrine virtual.

Uma pesquisa feita pela *Comscore*, consultoria americana de análise de mídia, mostrou que o Brasil é o país líder na América Latina em consumo de informação online, levando em consideração a população ativa de forma online. Mais de 95% dos usuários consomem informações em dispositivos online, como os smartphones, número que supera a média mundial de 90%.

É impossível negar a eficiência que as diferentes telas trouxeram ao jornalismo, mas também não é possível medir o impacto negativo que as mesmas causaram. Levando em consideração o formato periódico, a produção das notícias e toda a rede de lucro, que envolvia marcas e patrocinadores, muita coisa se alterou na estrutura e no trabalho diário de cada jornalista. Padin Ferreira, (2019, p. 25) ressalta que:

Fenômenos como a “dispersão de atenção” e a “fragmentação da audiência” trouxeram novos desafios para a comunicação nos últimos anos. Enquanto há 30 anos, havia um número limitado de canais de divulgação (assistia-se cinco ou seis canais de televisão, no máximo, por exemplo), os profissionais do setor convivem hoje com dezenas de plataformas para divulgar marcas, produtos e serviços.

Junto de uma necessidade desenfreada pela informação instantânea, o profissional é acompanhado pela cobrança da excelência, que não vem somente de uma ética trabalhista e de uma vigia feita por seus superiores. Todo seu público, que agora vê o rosto, o formato de trabalho e até informações pessoais, exige saber aqui e agora em sua própria perspectiva, fator que já colocou a vida de muitos jornalistas em risco, seja por meio de doenças ou pela incitação de ódio por parte de figuras públicas.

O Relatório da Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa de 2021, elaborado pela Federação Nacional dos Jornalistas, mostrou que somente naquele ano, 430 jornalistas sofreram algum tipo de ataque. Em 2022, o mesmo relatório apresentou uma queda de 12,53% no número de casos registrados, mas o tipo de violência que mais cresceu foi a de ameaças e intimidações, que registrou 77 casos, 44 deles a mais que no ano anterior.

Somado a isso, formou-se uma realidade paralela nas redes, onde o *viral* é uma das maiores fontes de renda e não mais o acontecimento, ou evento narrado na informação. Segundo Yole (2015):

O termo “viral” é muito usado para explicar uma notícia que se espalha com facilidade pela internet e tem características de comportamento idênticas à de um vírus que espalha uma doença. No caso do conteúdo, a “mensagem” é divulgada por vários canais de comunicação, mas principalmente por redes sociais, sites menos formais e blogs.

Apesar do padrão benéfico no sentido de compartilhamento, o sistema viral também prejudica diretamente o trabalho do jornalista em mais de um sentido. Santiago (2013, p. 4) ressalta que:

(...) a instantaneidade com que as imagens aparecem na internet coloca-nos outros problemas. Não nos dá tempo para pensar, questionar, discutir com as chefias, com a redação, a importância, a pertinência daquele momento, daquela imagem que, muitas vezes, nada acrescenta e só explora, espicaça sentimentos. É quase leviano fazer jornalismo assim.

Junto da premissa da velocidade, o jornalista precisa ainda permanecer consciente sobre o impacto de agentes externos no seu trabalho. Não que essa dificuldade não existisse antes, mas existe uma diferença escancarada do século passado para este. O poder agora está na tela do leitor, acessível em qualquer horário ou local e não mais do chefe ou do redator. “A questão da velocidade com

que os profissionais têm de responder ao imediato dita um novo papel a cumprir, ser o primeiro a dar a boa nova em primeira mão” (FERREIRA, 2015).

Lopes e Bonisem (2019, p. 2) falam da contribuição do público, que acaba se tornando uma via de mão dupla:

Na era digital, o jornalismo depara-se com profundas transformações na sociedade. Nos dias atuais, o cidadão e/ou colaborador participa diretamente da produção da notícia, fator que modifica a relação do jornalista com as suas fontes. Além de o profissional jornalista enfrentar diversas transformações em sua área de atuação, conseqüentemente, o conteúdo da notícia também será profundamente modificado. As empresas de comunicação, visando atrair mais leitores e também mais publicidade, muitas vezes parecem optar em ter uma dedicação e espaço maior ao gênero entretenimento do que o informativo. Ou seja, as notícias devem passar a ser construídas para atenderem “o gosto do cliente”, em termos de suas sensações e expectativas imediatas.

Levando todos os fatores acima citados em consideração, pode-se afirmar que apesar da constante necessidade de informação, o trabalho do jornalista no cenário atual está cada vez mais fragmentado. Diante dos desafios que acompanham a carreira de quem deseja informar, somente a realidade acadêmica não é capaz de agregar todas as diferentes faces que o jornalismo possui ou possuirá na década de 2020.

Ainda é preciso citar que mesmo com os mais refinados estudos e técnicas que a formação em comunicação social possa oferecer, existe uma lacuna que somente a experiência real pode preencher. Jornalistas de guerra, de tragédias e que presenciaram fatos históricos não obtiveram tamanha sabedoria se não cobrindo estes acontecimentos. Mesmo que em condições precárias, a necessidade do contato com a realidade por parte do futuro jornalista é extremamente valiosa na atualidade. Independente do grau de dificuldade da situação, o contato humano é a chave para uma boa comunicação, e conseqüentemente, um jornalismo melhor.

3 FORMAÇÃO E MERCADO

Levando em consideração os fatores anteriormente apresentados, precisamos também retratar o que acontece antes do jornalista estar formado. Existem diversos aspectos e perspectivas na formação, que impactam diretamente a experiência no mercado global de jornalismo. A renovação no modo como a notícia é produzida e consumida remodelou a educação no jornalismo. Professores e

alunos precisaram ao longo das últimas décadas, em especial na última, readaptar seus conceitos e metodologias, preservando a integridade e a ética jornalística.

As novas tecnologias digitais não alteraram a finalidade do jornalismo; reforçando o potencial de participação do público na dinâmica da esfera pública, ampliaram a possibilidade de comunicação. Ainda que a Internet tenha aberto brechas no edifício que sustentava o jornalismo tradicional, quebrando a velha aliança que este mantinha com a publicidade que o financiava, a reconstrução do jornalismo (a preservação dos valores que sustentam a finalidade do jornalismo) tem de partir do potencial de participação aberto pela tecnologia. (COELHO, 2014, p. 13)

Mesmo que a sala de aula, nesse caso da universidade, seja o salão central do conhecimento, a carreira fora dela é muito mais rígida. Entre provas e seminários, o estudante de jornalismo precisa desenvolver diversas habilidades, até encontrar sua vertente, mesmo que não consiga exercer num primeiro estágio ou oportunidade não remunerada. Assim como para profissionais formados, o mercado de trabalho para os estudantes de jornalismo também foi afetado pela crise, visto que é o mesmo.

Ainda na época dourada do jornalismo, os profissionais tinham o foco em uma área específica. Existiam foto-jornalistas, radialistas, diagramadores, repórteres e outros mais. Esses cargos não deixaram de existir, mas agora são fragmentados e internalizados em todos os aspirantes a jornalistas.

O estágio é uma etapa fundamental na formação do jornalista, pois oferece a oportunidade de vivenciar e aplicar na prática os conhecimentos adquiridos durante a graduação. Ele desempenha um papel crucial no desenvolvimento profissional, permitindo aos estudantes adquirir experiência, aprimorar habilidades e construir redes de contatos.

No atual cenário, é quase impossível um estudante de jornalismo ser contratado para um estágio, ou qualquer outra oportunidade, se não obtiver habilidades nas áreas já citadas, além de muitas outras. O que antes tornava um profissional versátil hoje é exigência mínima para qualquer iniciante.

Muitas vezes, o mesmo profissional se multiplica em empregos em redação e em assessoria. Nas coberturas de eventos e acontecimentos, encontram-se, entre os assessores, os antigos chefes de redação, profissionais de renome e experiência, que ajustam seu repertório profissional ao produto e/ou marca que passam a representar. As grandes empresas da indústria, dos serviços e do comércio contratam profissionais de renome para lhes representar na mídia e promover notícias sobre elas. São situações de embate discursivo difíceis de enfrentar, sobretudo, quando o jornalista da redação é um jovem, contratado muitas vezes como freelancer, aguardando uma boa oportunidade de estabelecer-se. (FIGARO, 2014, p. 32)

Diferentemente das habilidades, a valorização do profissional não acompanhou o crescimento exponencial das obrigações do estudante da área da comunicação. O reflexo disso é uma política ambígua sobre os estágios, que não possui uma regulamentação fixa, e varia de acordo com a vontade do empregador.

Afirma-se isso pelo fato de que durante a primeira etapa de obrigatoriedade, o mercado se aproveitou da mão de obra do estagiário substituindo os profissionais na redação por estudantes e, em consequência, moldava-os de acordo com os interesses da imprensa capitalista. Depois com a proibição, as IES tiveram que encontrar soluções para o desenvolvimento da prática pré-profissional fora do mercado, o que ocasionou uma ruptura ainda maior entre a academia e o mercado. Pode-se refletir que essa ruptura trouxe consequências graves para a formação do jornalista como, por exemplo, a perda da sua identidade, visto que não é mais exigido o diploma para exercício da profissão. (BERNARDO e LEÃO, 2017, p. 217)

A pesquisa do Sindicato dos Jornalistas do Ceará do ano de 2018 recolheu depoimentos de estagiários e demonstrou que 80% desses profissionais têm a carga horária desrespeitada.

Assim obtemos uma equação que dificulta um bom resultado. De um lado, existe a inspiração do jovem estudante de jornalismo, somado ao grande conhecimento dos mestres e acadêmicos da área, mas de outro, existe um mercado exploratório e mal elaborado, para quem possui ou não o diploma em mãos.

3.1 MERCADO DE TRABALHO E PRECARIZAÇÃO

Diante da precarização da mão de obra jornalística, e da já exemplificada discordância entre a realidade da sala de aula e da redação, também precisamos falar do desvio de função. Ainda que a imagem de um jornalista moderno seja clara, a noção de “equipe” - termo utilizado por profissionais da área da comunicação, continua latente. Na maioria das vezes, o profissional acaba assumindo as funções de uma equipe completa, mesmo acumulando funções extras e não recebendo adequadamente por elas.

O jornalismo é uma atividade coletiva e no processo produtivo há divisão de tarefas e responsabilidades. Contudo, a lógica da empresa enxuta, vivenciada pelas organizações, tem afetado o trabalho dos profissionais que acumulam funções e, com elas, mais responsabilidades. Esta prática reforça a precarização do trabalho dos jornalistas. (LIMA, 2021, p. 150)

Outro fator concomitante à precarização do mercado comunicacional como um todo é o método das empresas em destinar profissionais iniciantes a funções não compatíveis. Não é raro presenciar jornalistas desempenhando o papel de *designers*, publicitários e outros mais mesmo sendo recém formados. Com a noção de “comunicação social” nascida desses profissionais, muitas vezes o diplomado acaba atuando numa área mais distante da qual se formou, apenas pela afinidade.

Com a desregulação dos cargos antes presentes nas redações, a exemplo do editor de áudio, a precarização da profissão do jornalista e o surgimento de novas demandas de trabalho, atreladas às tecnologias digitais, o jornalista se vê diante de um mercado que exige profissionais multifunção, ou seja, que se encarregam não apenas das demandas referentes ao cargo ocupado, mas que absorvam as relativas aos extintos cargos técnicos, produzam para diferentes plataformas e que estejam disponíveis para suprir as necessidades surgidas em decorrência de faltas ou doenças. (MAIA, p. 10, 2018)

Em sua perspectiva Penteado e Gastaldello (2016, p. 296) afirmam que:

O trabalho do jornalista, muitas vezes, se desenvolve em condições precárias e situações de risco, violência e agressões, as quais incidem negativamente na saúde e qualidade de vida.

Essa afirmação também caracteriza uma forma de precarização, já que submetido a condições de trabalho inseguras, desreguladas e mal planejadas, o jornalista passa a adoecer. A falta de tempo e até mesmo a obrigação constante em estar atento torna a vida do profissional um looping sem fim.

Bulhões e Renault (2016, p. 167) caracterizam como condições de trabalho “elementos físicos e psíquicos oferecidos pela instituição e pelo empregador que permitem um trabalhador executar suas tarefas da melhor e mais adequada forma possível, sem prejuízos ou dificuldades externas às suas competências.” Com base nesses argumentos, podemos englobar no sentido da precarização, a falta de condições básicas como água, saneamento, higiene, estrutura e até riscos, como o envolvimento pessoal em pautas graves e acidentes de trabalho.

O mercado jornalístico carrega consigo uma responsabilidade muito grande: garantir o acesso à informação e apontar irregularidades em todos os âmbitos da sociedade, mas não é capaz de curar suas próprias feridas. O que resta disso é um ciclo vicioso onde profissionais explorados e mal remunerados realizam funções a mais sem a garantia de estabilidade, ou no mínimo, qualidade de vida.

As transformações dos modelos produtivos da imprensa na pós-modernidade extinguem, fragmentam e recombinaam os padrões da profissão do jornalista. Ao mesmo tempo que criam novas funções e atribuições, ameaçam um contingente de trabalhadores com a irrelevância e o desemprego. (PITHAN, 2018, p.12)

Outro aspecto da precarização remete a condições de trabalho que não propriamente de jornalistas formados, mas sim dos entusiastas da área que durante a formação buscam experiência em estágios, que podem ou não ser obrigatórios, de acordo com a variação dos currículos acadêmicos. Deuze e Witschge (p. 11, 2015) alertam para o fato de que grande parte das redações são compostas por estagiários:

Das pessoas que estão alocadas na redação propriamente dita, algumas ainda desfrutam de um contrato permanente (incluindo benefícios e proteções). Esses funcionários, geralmente seniores, trabalham lado a lado a uma série de colegas em posições que são tudo menos estáveis ou estruturais: estagiários (não remunerados ou mal pagos), trabalhadores temporários, de tempo parcial e prestadores de serviço independentes que entram irregularmente.

Por fim, precisamos alertar que mesmo clamando por medidas mais eficazes dentro do ambiente de trabalho, existem outras dificuldades acerca da profissão, que surgem desde o início da formação, especialmente a respeito da mesma.

3.2 A IMPORTÂNCIA DO DIPLOMA

Ainda em uma situação agravada, o jornalista do século 21 no Brasil passou a viver sob novas dimensões a partir de 2010, com uma medida que agravou a crise no que se entende como a profissão da informação.

É preciso ressaltar que, no Brasil, a noção da crise na área foi notadamente aguçada no ano de 2009, a partir da decisão do Supremo Tribunal Federal em extinguir a exigência do diploma em Jornalismo para a execução da prática profissional. Entretanto, mais do que na exigência do diploma, pontuamos uma crise no que se refere à identidade profissional desse sujeito. (DANTAS,2019, p.42)

A decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal em não exigir a obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão de jornalista gera desconforto entre os profissionais da área, mas não parece afetar e a sociedade em geral. Enquanto especialistas na área defendem que o diploma é fundamental para a

garantia de informações de qualidade e o bom desempenho profissional, diversas outras categorias vêm na não obrigatoriedade, uma oportunidade para priorizar o acesso à informação e a liberdade de expressão. Segundo Mourim e Lovisolo (2004, p. 5):

Os defensores da não-obrigatoriedade, que nem sempre são contra a existência dos cursos de comunicação, geralmente ressaltam a importância do talento e da vocação, atributos que não poderiam ser aprendidos nas Escolas. Assim, o valor do técnico é dedicado, diminuído em importância. Em hipótese, se poderia argumentar que a obrigatoriedade provoca a conseqüente homogeneização dos profissionais da área, o que seria prejudicial aos veículos de comunicação como um todo.

Para debatermos a necessidade do diploma, é fundamental construir uma linha do tempo sobre esta discussão. Numa tentativa para filtrar as informações durante o regime militar brasileiro, o diploma em jornalismo passou a ser exigido. O então presidente da república Juscelino Kubitschek assinou a Lei nº 4.083/62, que regulamentou a profissão de jornalista e estabeleceu a exigência do diploma para o exercício da atividade jornalística:

O decreto-lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, regulamentou a profissão de jornalista em diferentes aspectos. Além de exigir o diploma em curso superior de jornalismo para o exercício da profissão, há outros traços do decreto-lei que merecem ser mencionados. Em primeiro lugar, o decreto não traz uma definição unificada acerca do que constituiria a atividade jornalística. Ao invés disso, ele opta, no seu artigo segundo, por uma listagem extensiva de atividades, bastante distintas entre si: incluem-se aí atividades como a reportagem, a redação, a coleta de informações, comentários, crônicas, produção gráfica, elaboração de desenhos artísticos ou técnicos de caráter jornalístico, revisão de textos, organização de arquivos jornalísticos, a pesquisa realizada nesses arquivos para a elaboração de notícias e o ensino de técnica de jornalismo. (ALBUQUERQUE, 2006, p.81-82)

Antes disso, não havia uma regulamentação para o exercício da profissão. Bernardo e Leão (2013, p. 15) afirmam que:

A profissão de jornalista, durante o Estado Novo, não era regulamentada, tampouco havia uma formação específica universitária para esse profissional no Brasil. É nesse período que se iniciam mais fortemente as discussões sobre essa formação. Entretanto, somente em 1947 essa formação seria concretizada como profissão, cujo exercício legal dependeria do diploma de graduação em uma Escola de Jornalismo.

Com a exigência do diploma, o governo ditatorial tentou censurar opiniões contrárias ao regime, mas apesar disso, diferentes manifestações foram trazidas a

público, de forma clandestina ou não. Pode-se citar dois exemplos clássicos trazidos em sala de aula durante a formação do jornalista, o primeiro é das **receitas de bolo**.

“Era praxe submeter as publicações à censura prévia, e alguns veículos chegaram mesmo a ter um censor na redação, como nos jornais O Estado de S. Paulo (OESP) e Jornal da Tarde, de agosto de 1972 a janeiro de 1975. Como protesto, no lugar das matérias proibidas, publicavam-se trechos de Os Lusíadas de Camões ou receitas de bolo, evidenciando ao leitor a existência da censura.” (RIDENTI, 2018, p. 93)

Esse exemplo mostra que mesmo com um intuito “regulador” a ação de exigir o diploma não funcionou como o esperado, já que os jornalistas permaneceram fiéis à ética e à democracia em sua grande maioria. A regra criada na ditadura permaneceu vigente até o ano de 2009, quando o STF derrubou a antiga legislação.

Uma das principais reivindicações, quanto a obrigatoriedade, fala especialmente sobre erros e má qualidade na produção jornalística. Levando em consideração a transformação da profissão nas últimas décadas ocasionadas pela internet e redes sociais, o fator acima citado reverbera ainda mais a gravidade na produção noticiosa.

É consenso que o jornalismo é uma atividade sujeita a erros, mas alguns vão além dos limites do equívoco, gerando consequências imprevisíveis. O erro pode se dar nas diversas etapas do processo: apuração, edição, circulação. Pode ser ocasionado por despreparo dos profissionais, pela interferência de elementos externos, razões ideológicas, descuido ou por falta de gestão na cadeia informativa. Os erros jornalísticos podem também afetar reputações organizacionais e pessoais, levar à incompreensão dos fatos, disseminar falsos julgamentos e preconceitos, e até mesmo provocar incertezas sociais e crises institucionais. (VIEIRA, 2014, p. 24)

Por outro lado, os defensores da não obrigatoriedade argumentam que a formação acadêmica não indica, necessariamente, qualidade na produção jornalística, e que o diploma representa uma barreira ao acesso à profissão, já que está estreitamente relacionado à formação acadêmica que não é comum e facilitada. Além disso, existe a pluralização e a diversidade quanto a perspectivas jornalísticas, itens fundamentais para a democracia.

Em 2015, o então deputado Paulo Pimenta do Partido dos Trabalhadores apresentou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 386/09, que restabelece a exigência do diploma de jornalismo para o exercício da profissão, mas apesar da tentativa, o tema só voltou a ser discutido em 2023, mesmo com a proposta

aprovada pelo senado anteriormente. Desta vez, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) com seus 31 sindicatos realizou uma mobilização virtual no Instagram e no Twitter, numa tentativa alusiva ao dia 7 de abril, onde se comemora o dia do jornalista.

3.3 O PAPEL DAS DIRETRIZES NA FORMAÇÃO DE JORNALISTAS

As diretrizes curriculares nacionais do ministério da educação para a formação em jornalismo no Brasil, tem o objetivo de estabelecer parâmetros e orientações para os futuros profissionais da área. Além de garantir a qualidade do ensino, também tem como função promover uma formação completa e atualizada, além de estimular a ética profissional.

Essas normas enfatizam a importância de uma base teórica e prática sólida para quem estuda o jornalismo, abrangendo disciplinas que englobam aspectos históricos, socioculturais, políticos e econômicos. Além disso, elas reforçam a necessidade do desenvolvimento de habilidades técnicas, como a pesquisa, produção de reportagens, a edição e o uso de diferentes tecnologias e apuração de informações.

Outro aspecto relevante das diretrizes é a ênfase na formação ética e responsável. Os estudantes adotam princípios de transparência, imparcialidade e respeito à diversidade, possibilitando o desenvolvimento de uma consciência crítica e o entendimento das implicações sociais e políticas do jornalismo. O objetivo é preparar profissionais capazes de atuar de forma responsável e comprometida com a produção de informação de qualidade, contribuindo para o fortalecimento da democracia e o exercício da cidadania.

Mas lidando com a demanda cotidiana e as diferentes perspectivas de mercado anteriormente apresentadas, o estudante muitas vezes precisa relevar certos aspectos apresentados conforme as diretrizes. A necessidade em adquirir experiência, ou até mesmo a necessidade de sobrevivência por meio de condições de trabalho precárias contradizem aspectos apresentados desde a formação.

No Artigo 4º, inciso IV das diretrizes, é citado o “compromisso com a profissão e os seus valores, por meio da elevação da autoestima profissional, dando ênfase à formação do jornalista como intelectual”. Levando em consideração o cenário

moderno do jornalismo, é possível questionar a valoração recebida pelos profissionais por parte do público, e de seus contratantes.

A crescente onda de desinformação, somada a grande demanda dos detentores dos meios comunicacionais revela, que por mais trabalhados os conceitos éticos dentro da sala de aula, nem sempre será possível permanecer nos parâmetros pré-estabelecidos academicamente.

Resultados da pesquisa da Federação Nacional dos Jornalistas de 2020, apresentados no Portal Imprensa reforçam a existência de duas perspectivas não compatíveis entre a formação e o mercado, já que “A pesquisa revela um cenário antigo na imprensa: condições de trabalho hostis, excesso de jornadas, envolvimento de vínculos empregatícios e violência contra profissionais do jornalismo.”

Conforme as normas que regulamentam em forma de lei as diretrizes, o cenário acadêmico falha quanto ao compromisso em tornar os estudantes capazes de lidar com a mudança constante no âmbito profissional, já a velocidade em que o formato de trabalho se transforma é muito mais rápida do que qualquer adaptação curricular.

Outro fator que torna o conjunto de diretrizes defasado está relacionado a temporalidade do documento, que foi oficializado em 2013. Mesmo antes da pandemia, ocorreram mudanças significativas na sociedade, o que distancia ainda mais as perspectivas de ensino atuais.

Por conta de tamanha discrepância em relação a ambos os cenários de atuação e convívio dos jornalistas, se torna necessária a clareza quanto ao papel desempenhado por quem sai diplomado e quem entra permanece no mercado.

4 FORMADOS EM 2019

Para compreender o impacto de todas as mudanças ocasionadas por diferentes processos ao longo dos últimos anos, e definir precisamente um parâmetro quanto ao posicionamento do jornalista moderno no mercado de trabalho, optamos por selecionar estudantes formados no ano de 2019, período em que o sistema educacional brasileiro ainda não era afetado pelas medidas de distanciamento causadas pelo Covid 19.

A pandemia trouxe mudanças significativas para a formação, e o que antes era amplamente baseado em aulas presenciais, workshops e interações diretas entre estudantes e professores, passou a ser uma tentativa no ensino à distância. Isso resultou em uma mudança na dinâmica da formação, com aulas online, plataformas de colaboração virtual e a necessidade de autoaprendizagem por parte dos estudantes. Somado a isso, as oportunidades em campo para estudantes também sofreram impacto direto com o distanciamento, e a formação de jornalistas após a pandemia exigiu uma adaptação ao trabalho remoto, que agora está estreitamente atrelado à produção de conteúdo digital.

É de relevância ressaltar que a partir desta data, desejamos exemplificar as adaptações que o profissional moldado para um trabalho presencial precisou realizar, e como isso mudou a perspectiva do jornalismo em todos os seus âmbitos.

Além de responsáveis pela informação, os jornalistas passaram a ser contadores de histórias da humanidade. As medidas de restrição e isolamento tornaram a mídia como um todo um local de aproximação da realidade, mesmo que a distância.

Relatos pessoais, de pacientes, familiares, médicos e de indivíduos afetados socioeconomicamente forneceram uma visão mais humana da crise sanitária, reforçando o papel desempenhado pelo jornalista em aproximar a sociedade.

Como participantes do nosso estudo, escolhemos duas turmas de jornalistas formados no primeiro semestre de 2019, de diferentes universidades para responder questões sobre a colocação dos mesmos no mercado de trabalho.

4.1 MÉTODOS E QUESTIONAMENTOS

Para coletar dados e obter amostras corretas, foram elaboradas perguntas padronizadas que foram apresentadas aos profissionais por meio de um formulário online. Levando em consideração a Lei nº 13.709/2018, Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) obtivemos a confirmação da graduação destes profissionais por meio de um questionário prévio, feito no primeiro contato que foi realizado por meio da concessão dos nomes dos formados pelas respectivas universidades.

Após a identificação e primeiro contato com os estudantes, utilizaremos o método de pesquisa qualitativa. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 33) “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” Com isso, queremos dizer que o foco do trabalho está na obtenção de respostas mais completas, e não em um número específico.

Como plataforma para a coleta das respostas, optamos pela ferramenta Formulários do Google, onde serão inseridas questões de múltipla escolha e de respostas por extenso.

Para localizar os estudantes selecionados sem desrespeitar a Lei Geral de Proteção de Dados, obtivemos por meio das respectivas secretarias dos cursos, somente o nome completo dos candidatos à pesquisa. Por meio da busca em diferentes redes sociais dos nomes, obtivemos contato com diversos estudantes.

A primeira com os candidatos foi elaborada como um convite para conhecer o tema proposto neste trabalho, introduzindo os objetivos primordiais da pesquisa. Com o consentimento dos mesmos, foi encaminhado um formulário com questões norteadoras sobre a temática deste trabalho.

4.2 DA PESQUISA: INTENÇÕES E INDAGAÇÕES

Como principal fator para a escolha da temática apresentada neste trabalho, elaboramos questões que visam captar a realidade quanto às sensações e perspectivas dos participantes questionados. A qualidade na produção jornalística é

afetada não somente pela própria comunidade jornalística. Para Figaro e Silva (2020):

Os dilemas vividos no mundo do trabalho do jornalismo não provém dele mesmo somente. As lógicas da circulação da informação e a valorização dela como aspecto de valorização do capital reverberam na área profissional do jornalismo.

Mas estas mesmas dificuldades são refletidas no esgotamento dos profissionais. Considerando a perspectiva destes mesmos, poderemos obter respostas mais humanizadas quanto ao mercado. A intenção principal nesse caso é dar voz a estas respostas, para que futuramente, elas sirvam como guia para a elaboração de um jornalismo mais inclusivo e saudável.

A primeira pergunta apresentada no questionário trata dos nomes dos participantes, para garantir a idoneidade da pesquisa sem a criação de perfis ou respostas repetidas por uma mesma pessoa. Dos 20 candidatos que participaram desta amostragem, apenas oito são do sexo masculino, e o restante do sexo feminino, dado que acata a pesquisa realizada em 2021 pela Universidade Federal de Santa Catarina que revela que a maioria dos profissionais do jornalismo no Brasil (58%) são do sexo feminino. Ainda que o mercado seja dominado por elas, a classe feminina continua sofrendo com a desvalorização ainda mais, conforme Thibes e Nicoletti:

Mais da metade dos trabalhadores que compõem o mercado formal dos profissionais do Jornalismo são mulheres e, assim como em outras ocupações do país, na média da massa salarial, elas ganham menos do que eles. Na série histórica, 2005 representou o pior cenário, quando a remuneração média das trabalhadoras era 24,09% inferior à dos homens. Desde então houve uma redução gradativa desta defasagem, chegando aos 8,21% de diferença em 2015. Mesmo assim, durante todo período analisado, o rendimento médio delas nunca se equiparou ao rendimento médio da categoria. Enquanto isso, no mesmo intervalo de tempo, a remuneração anual média deles sempre foi superior que a média nacional.

Durante toda a pesquisa, somente um dos questionamentos obteve unanimidade entre as 20 respostas: todos os formados em 2019 tiveram alguma experiência de forma remunerada antes da formatura.

Esta constatação é um reflexo particular do cenário jornalístico gaúcho e marca a importância do esforço durante a formação. Ainda que o talento para a profissão não seja exclusivo da sala de aula, o preparo e as habilidades desenvolvidas antes da conclusão do curso revelam a dedicação dos estudantes, e demonstram o esforço em aprimorar a qualificação pessoal na área. Como todas as

experiências foram remuneradas, também é possível vislumbrar o porquê do investimento na continuidade da carreira, mesmo que a profissão enfrente tantas crises.

Dentre os dezessete questionamentos que compõem o formulário, dez poderiam ser respondidos de forma textual, e sete por opções de múltipla escolha.

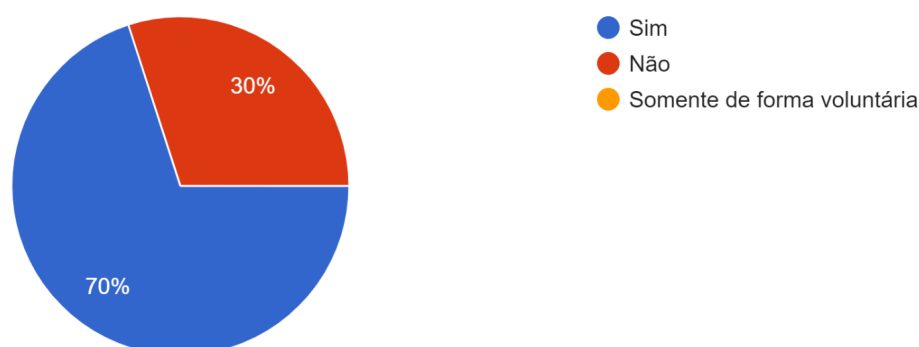
4.2.2 DOS APONTAMENTOS EM GRÁFICO

A primeira questão apresentada em gráfico (dentro do questionário) trata da integração dos profissionais já formados no mercado de trabalho, mas simultaneamente após a conclusão da graduação. A figura 2 nos mostra a seguinte porcentagem:

Figura 1 - Formados em 2019 tegrados ao mercado:

Após a formatura, você já estava integrado (a) no mercado de trabalho?

20 respostas



Fonte: De autoria própria (2023).

A questão apresenta a opção de ingresso de forma voluntária, já que diferentes oportunidades dentro do âmbito comunicacional muitas vezes não são remuneradas.

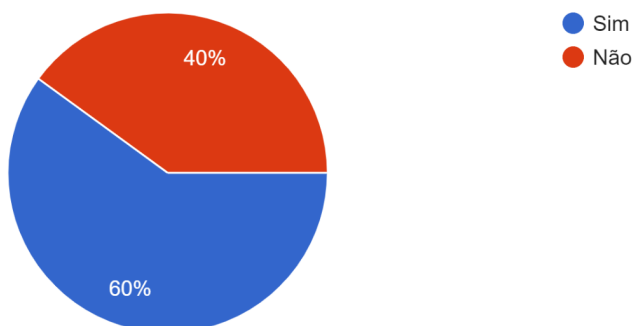
Além disso, diversos profissionais após a formação atuam de forma autônoma, como *freelancers*, demonstrando a capacidade de adaptação dos mesmos para se inserir no mercado. Segundo Rainho (p. 17-18, 2008):

A atividade autônoma, freelance, é a que mais cresce na área do jornalismo. Inúmeros fatores podem ser atribuídos a essa tendência. O principal, infelizmente, está ligado à precarização do trabalho, fenômeno que atinge todas as categorias profissionais nesta era de globalização canibal, competitividade acirrada, desregulamentação da economia e das relações trabalhistas.

Um ano depois da conclusão da graduação, já inseridos em outro cenário econômico, os participantes demonstraram uma retração quanto a permanência na área da comunicação, conforme a figura 2.

Figura 2 - Entrevistados empregados após o primeiro ano da formação:

Após o primeiro ano da formação, você permaneceu trabalhando/atuando como jornalista?
20 respostas



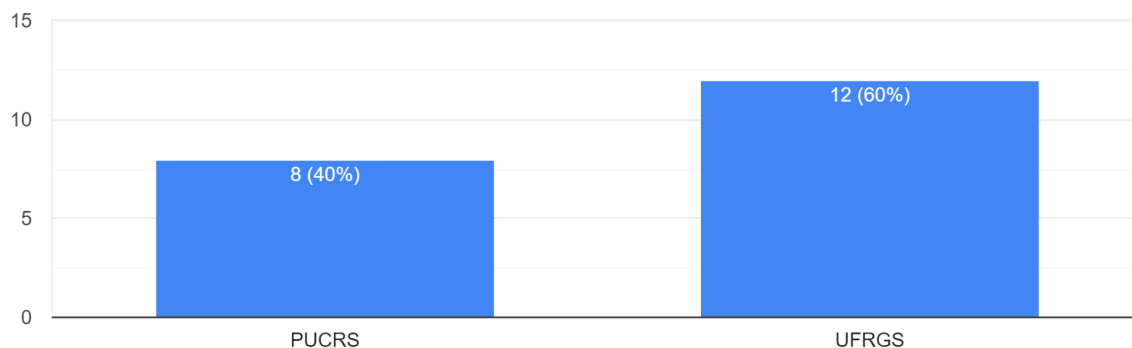
Fonte: De autoria própria (2023).

O crescimento de dez por cento em relação a não permanência na atuação expõe constatações já abordadas na temática deste trabalho. Junto das qualificações para atuar no jornalismo, outros fatores aquém das técnicas são necessários.

Outra questão relacionada à temática, é abordada na figura 3.

Figura 3 - Diferença entre formados em universidade privada e pública:

Em qual universidade você concluiu a graduação em jornalismo? utilizar sigla
20 respostas



Fonte: De autoria própria(2023).

Sessenta por cento dos candidatos informaram que se graduaram em universidade pública, contra quarenta por cento de universidade privada. Essa pergunta tem um impacto único em relação às outras indagações feitas durante o questionário, já que cada núcleo estudantil afetou diretamente a trajetória acadêmica dos indivíduos.

Em todas as profissões, o *networking*² é parte essencial para o desenvolvimento de uma boa carreira, especialmente no jornalismo. As relações cultivadas entre professores, estudantes, universidades, veículos e empresas são um claro exemplo disso. Uma rede integrada de conhecidos, amigos e correspondentes pode fornecer melhores condições de trabalho. Até mesmo fora da universidade, o contato com fontes também garante maior facilidade na execução das mais diversas pautas.

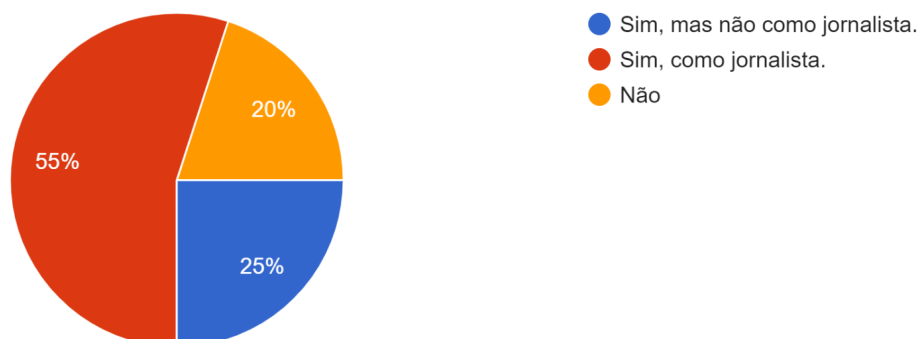
Para se informar, o jornalista mobiliza redes de relacionamentos que lhe permitem entrar em contato, diretamente ou via agências, com o discurso que os atores sociais produzem sobre a realidade. Esse relacionamento, sem o qual o trabalho de apuração de informações não existiria, induz a uma interdependência complexa. [...] Isso significa que jornalistas e fontes não estão em campos opostos, e, sim, numa situação de convergência de interesses. Os primeiros necessitam da informação, oficial e oficiosa, que os outros têm a ambição de ver veiculada por meio de um discurso externo. (RUELLAN, P. 33, 2006)

Ainda após o primeiro ano de formação, outros fatores externos podem contribuir direta ou indiretamente para a permanência na área da comunicação como um todo. A figura 4 aborda exatamente este questionamento.

Figura 4 - Permanência na comunicação após 1 ano de formação:

Após o primeiro ano da formação, você permaneceu na área da comunicação?

20 respostas



Fonte: De autoria própria (2023).

As porcentagens apresentadas na figura acima demonstram a versatilidade quanto a formação de um jornalista, que abrange conhecimentos estratégicos para mais de um cargo. A mudança de profissão pode não ser o cenário ideal para o recém formado, mas aponta para outras perspectivas além das acadêmicas.

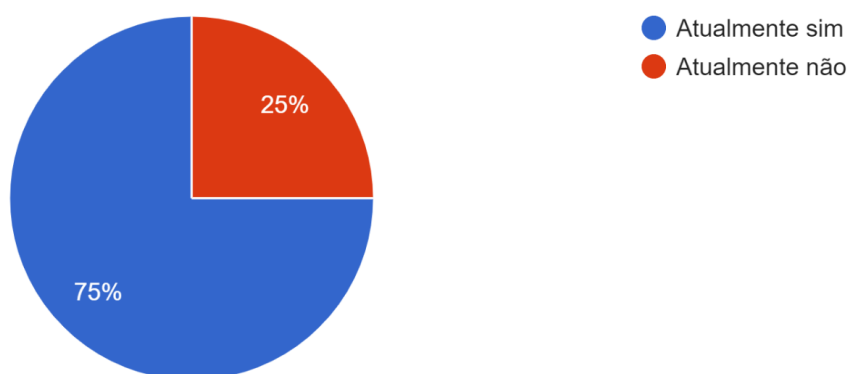
Há quem não veja qualquer problema em se ir saltando de um para outro lado da fronteira profissional, considerando que não se pode negar a uma pessoa o direito ao trabalho (o que significa que muitas vezes esse trânsito acontece por necessidade) e pressupondo que ela vai cumprir com escrupulo as regras profissionais e exigências éticas de uma e outra área. Há, opostamente, quem considere que essa situação deve ser evitada, em nome da isenção, pois são ofícios considerados incompatíveis e passar de um a outro põe em causa a credibilidade dos jornalistas, o seu capital mais precioso. No meio destas posições mais extremadas, há aqueles que admitem algum trânsito entre profissões, mas acrescentam que ele deve ser condicionado e regulamentado: não trocar frequentemente de lado, não “misturar as águas” e, sobretudo, no momento de eventual regresso ao jornalismo, observar um “período de nojo” e só aceitar funções em áreas diversas daquelas em que se exerceu a assessoria ou a consultoria. (FIDALGO, p. 13, 2019)

Ainda pensando no cenário comunicacional, questionamos os participantes quanto à permanência após quatro anos de formação. É importante lembrar que devido a pandemia de covid-19, muito se alterou desde então nos parâmetros profissionais.

Figura 5 - Vínculo com a área da comunicação após 5 anos:

Você ainda possui vínculo com a área da comunicação?

20 respostas



Fonte: De autoria própria (2023)

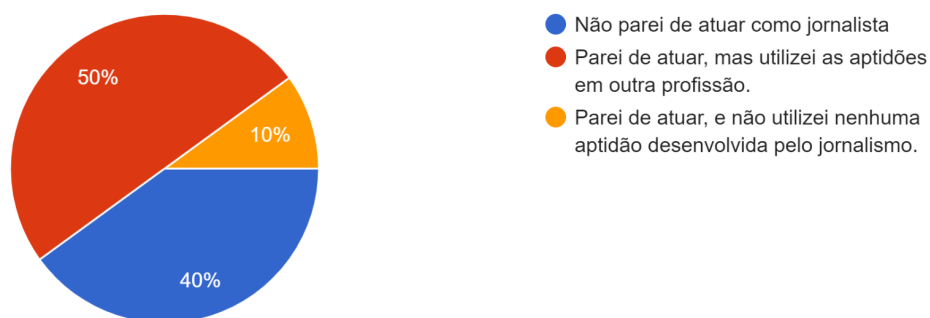
Os números apresentados na figura acima mostram que apesar da crise contínua, a demanda por comunicação, em suas diversas facetas, é constante. Mesmo para quem não deu continuidade à carreira da informação, a formação teve proveito.

Esse aspecto é comum a todas as oportunidades acadêmicas, já que ao mergulhar com intensidade no cotidiano acadêmico, o estudante consome muito mais do que é capaz de perceber. O campo jornalístico oferece diversas áreas de atuação, permitindo que os profissionais do jornalismo encontrem nichos específicos de interesse e expertise. O impresso, ou online, de televisão, o radiofônico, investigativo, esportivo, a assessoria de imprensa e tantas outras categorias são possíveis para quem deseja permanecer no setor. Ainda, aqueles que não permanecem, também adquirem uma perspectiva única para outras profissões.

Figura 6: Habilidades e aptidões pós formatura:

Você adquiriu diversas habilidades e competências durante a formação. Caso tenha parado de atuar como jornalista, você utilizou alguma dessas qualificações em outras profissões?

20 respostas



Fonte: De autoria própria (2023).

Ainda assim, dois entrevistados informaram que não utilizaram as aptidões adquiridas após a conclusão do curso. Isso pode ser motivado por diferentes razões, que serão exemplificadas mais adiante.

4.3 ENTENDENDO OS FORMADOS

A escolha de turmas formadas em 2019, está estreitamente atrelada à mudança causada pela pandemia, já citada. Com as alterações nos meios de produção, foi preciso questionar a posição atual dos pesquisados no mercado atualmente. Para melhor identificação dos entrevistados, cada um será identificado com um número. As questões apresentadas não seguem a ordem em que foram dispostas no formulário.

Questão 1: No que você trabalha atualmente? Em que cargo? (desconsiderar caso não esteja empregado)

Dos 20 participantes, 19 responderam esta questão, dos quais, 15 estão empregados em alguma posição relacionada à comunicação. As respostas obtidas foram:

1. *Repórter de televisão;*
2. *Trabalho no mercado editorial como produtora editorial;*
3. *Sou repórter de Zero Hora, GZH e Gaúcha. Atuo principalmente como repórter para o caderno Donna;*
4. *Analista de conteúdo;*
5. *Gerencio a corretora de seguros da minha família;*
6. *Produtor de entretenimento em emissora de TV;*
7. *Cooperativa de crédito. Gerente de negócios;*
8. *Endomarketing, como redatora de conteúdo;*
9. *Secretário parlamentar;*
10. *Assistente Editorial;*
11. *Sou repórter na TV Pampa e Jornal O Sul;*
12. *Assessoria de imprensa;*
- 13.
14. *Assistente de Marketing;*
15. *Após a graduação em jornalismo né formei em moda. Atualmente trabalho num brechó (supervisora de compras);*
16. *Redatora, como Analista de Conteúdo;*
17. *Redatora/ Marketing de conteúdo;*
18. *Sou analista de conteúdo e trabalho com planejamento, estratégia e redação de conteúdo digital;*
19. *Produção de TV;*
20. *UX Writer.*

O número 13 não respondeu a pergunta.

Com estas respostas obtidas, podemos entender porque os participantes 6 e 14 não utilizaram as habilidades e qualificações obtidas na formação. Embora tenham utilizado as aptidões, os participantes 9, 7 e 5 não trabalham em setores relacionados à comunicação.

Retornando a formação, abordamos a mudança de paradigma com a chegada do Covid-19.

Questão 2: Com a chegada da pandemia, você encontrou dificuldades para se manter/entrar no mercado de trabalho da comunicação?

Das 20 respostas obtidas, 5 confirmaram a dificuldade e 4 relataram não ter dificuldade. Abaixo, listamos as respostas mais complexas por parte dos entrevistados conforme identificação:

2. *Sim, a carga horária excessiva e o desvio de função, junto da pandemia, me levaram a quadros psicológicos que me fizeram tomar a decisão de largar o trabalho como jornalista de agência.*

3. *Não. Inclusive, passei de assistente de conteúdo a repórter no primeiro ano de pandemia, já trabalhando em home office.*

5. *Não, pois trabalho em empresa familiar.*

6. *Dificuldade? Meu bem, não rolava emprego em lugar algum.*

11. *Não, pelo contrário. Com a chegada da pandemia e, conseqüentemente, do home office, trabalhei em três empregos ao mesmo tempo durante o período.*

13. *Não, mas encontrei dificuldade em conseguir uma remuneração melhor.*

15. *Mantive o trabalho mesmo após a pandemia.*

16. *Não pois já estava trabalhando em uma empresa há um tempo.*

17. *Sim, passei 1 ano fazendo apenas trabalhos freelancer como copywriter.*

18. *Não, pois já estava empregada em um mercado estável.*

19. *Não muito, pois consegui um emprego estável três dias antes de iniciar a pandemia.*

Com a integração desses relatos, obtemos novos níveis de dificuldade, que tratam não somente da inserção ou permanência, mas também da busca por melhoria na condição de quem já trabalhava, ou a completa ausência de relação entre a formação e a área de atuação. Os candidatos 6 e 15 são os mesmos que no Gráfico 7, marcaram a opção “Parei de atuar, e não utilizei nenhuma aptidão desenvolvida pelo jornalismo”.

É possível identificar, somente com estas respostas a extrema dificuldade do candidato 6 em ingressar na área, o que corrobora para sua ausência na relação entre habilidades adquiridas e a profissão atual. O candidato 15 já possuía uma

fonte de renda, e por isso permaneceu sem dificuldades, mantendo sua posição mesmo após a pandemia em outro nicho.

Os candidatos também foram convidados a listar quais dificuldades encontram durante a busca por colocação durante a pandemia.

Questão 3: Você sentiu dificuldade para encontrar emprego na área por conta da pandemia? Se sim, quais?

3. *Não busquei emprego nesse período.*

5. *Não cheguei a procurar muito, mas nas vezes em que lancei currículo, nunca fui chamado para entrevistas porque minhas experiências anteriores sempre foram apenas como estagiário.*

6. *Sim. Com a pandemia as pessoas eram mais demitidas do que contratadas, então não rolava emprego.*

7. *A pandemia intensificou as dificuldades já existentes. Sobretudo cobrar experiência de inexperientes.*

9. *Sim, sobretudo pelo mercado parado.*

12. *Sim, a empresa que eu estagiava não conseguiu me efetivar.*

13. *Estava empregada na época então não senti dificuldade. Mas senti dificuldade em trocar de emprego.*

15. *Não diria pela pandemia, mas a área de comunicação exigia uma formação que considerei deficitária na formação de jornalismo, o que , para mim, acarretou em dificuldade para ingressar na área.*

17. *Sim, foi difícil encontrar opções na pandemia, então tive que aceitar outros cargos que não relacionados diretamente ao jornalismo*

19. *Não fiquei desempregada durante a pandemia, mas agora sinto vontade de trocar de emprego e tenho dificuldade de encontrar vagas na área do jornalismo*

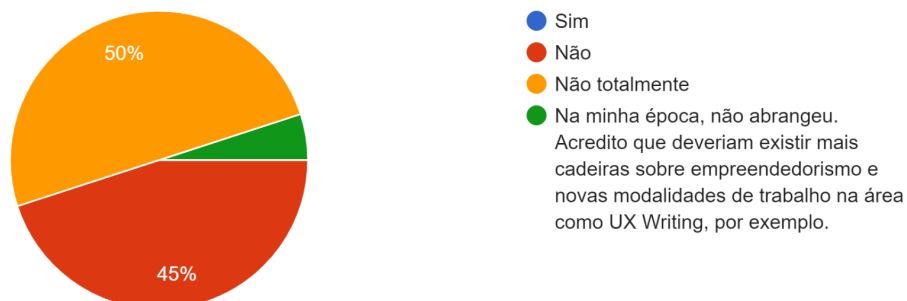
Os entrevistados 1, 4, 8, 11, 14, 18 e 20 não encontraram dificuldades, e os entrevistados 2, 10 e 16 não responderam a esta questão.

Dentre os entrevistados, o número 15 ressaltou a discrepância entre o aprendizado e as competências necessárias para ingressar na área, remetendo ao tópico abordado no capítulo 3.3 desta monografia. Também com base nesta possibilidade, questionamos os entrevistados a respeito do preparo em sala de aula para o mercado, apresentando abaixo o último gráfico desta pesquisa.

Figura 7 - Competências e currículo:

Você acha que o currículo educacional do jornalismo abrange todas as competências exigidas no mercado de trabalho?

20 respostas



Fonte: De autoria própria (2023).

Nesta questão, houve outra unanimidade quanto às respostas, mas desta vez na ausência da mesma, já que nenhum dos entrevistados acredita que o currículo educacional abrange as competências exigidas no mercado de trabalho. Destas, 10 respostas acham que o currículo não abrange totalmente, 9 respostas acreditam que não, e o entrevistado de número 5 ressaltou a temporalidade de sua formação, que não se adaptou às novas possibilidades de atuação.

Todos os formados em 2019 também foram questionados sobre a permanência na profissão após um ano da formatura, já no auge da pandemia.

Questão 4: Após o primeiro ano da formação, você permaneceu trabalhando/atuando como jornalista?

Das 20 respostas, 12 afirmaram que ainda permaneciam atuando como jornalistas. Os outros 8 que não permaneceram foram os entrevistados de número 4, 5, 6, 7, 9, 13, 16 e 18. O candidato número 5, novamente aparece mais distante de todos os entrevistados quanto à formação/carreira.

Entre os dados apresentados até o momento da pesquisa, é possível perceber que ainda há uma relação entre a maioria dos questionados e a sua formação. Os 4 entrevistados remanescentes que não estão relacionados atualmente são os de número 15, 5, 6 e 7.

Nesta amostragem, a porcentagem é de 20%, o que não significa um arrependimento total após a formação, mas uma pesquisa da *ZipRecruiter* realizada em 2022 nos Estados Unidos revelou um dado alarmante, conforme a figura abaixo.

Figura 8: (em tradução livre) Ranking das 10 graduações com maior arrependimento:

Top 10 Most Regretted College Majors

Share of graduates who would choose a different major if they could



Fonte: Zip Recruiter (2023)

A graduação em jornalismo é a que possui maior número de formados arrependidos. Destes profissionais que responderam a pesquisa, 87% teriam escolhido uma formação acadêmica diferente. No Brasil, a pesquisa Trajetórias profissionais de jornalistas fora do jornalismo no Brasil (2012-2017) aponta para a mesma perspectiva, onde os profissionais formados tendem a evadir a profissão por conta da má remuneração.

Os jornalistas com salários mais baixos tendem a sair mais da profissão. E a maior parcela desses profissionais, muito qualificados, está em trabalhos fora das atividades comumente exercidas por jornalistas no Brasil. Mesmo fora do jornalismo, a situação tende a indicar precariedade, pois muitos desempenham atividades como freelancer ou tem duas ou mais fontes de renda. (PONTES e CABRAL, p. 13, 2023)

Entrelaçada a insatisfação dos profissionais, questionamos os entrevistados a respeito das suas mudanças.

Questão 5: Se você mudou de profissão, poderia explicar quais foram os motivos principais para isso?

O entrevistado 20 elaborou mais sobre sua mudança:

Migrei para uma área relativamente nova e que não estudei, que é User Experience. Mas, especialmente falando do UX Writing, existem muitas semelhanças com o Jornalismo e muitos jornalistas trabalham com isso, sendo inclusive a graduação mais adequada para a área, já que existem muitos pontos de correlação: clareza, embasamento em fatos e dados, empatia, educação/transferência de conhecimento, precisão etc.

O entrevistado 15 revelou não possuir afeição direta com o jornalismo:

Por gosto pessoal, nunca tive muito apreço pelo jornalismo, acabei me formando para mais tarde poder trabalhar com moda. E o fator principal foi porque sempre gostei mais de moda, e por isso decidi estudar algo que me motivasse.

O entrevistado 2 abordou a perspectiva da saúde e bem estar pessoal relacionados a profissão:

Não sentia que o mercado naquele momento atendia as minhas expectativas, sentia que estava desviando dos meus valores pra me adequar ao mercado e que a profissão era parte relevante em quadros de saúde mental.

Os entrevistados 16 e 18 abordaram a questão salarial como principal fator para a mudança, e ambos escolheram a área da publicidade por possuírem melhor remuneração:

16. Não mudei completamente, apenas não segui no caminho do jornalismo tradicional muito por questões salariais, mas ainda me encontrei no mercado da comunicação (agora mais voltada pra publicidade).

18. Acabei migrando para a área mais geral de comunicação, com mais afinidade com a publicidade por questão de maiores oportunidades e melhores remunerações.

Ainda na questão da remuneração, os entrevistados 5, 13 e 14 também optaram por outras áreas por conta da baixa gratificação no jornalismo, e na comunicação como um todo:

5. Basicamente, precisava ajudar minha família e os ganhos eram muito maiores do que na área de comunicação.

13. Remuneração.

14. As vagas não apareciam ou pagavam pouco. O melhor foi entrar em outra área da comunicação.

O entrevistado de número 9 citou a ausência de interesse em trabalhar em veículos, e o número 4 falou sobre as oportunidades que recebeu durante a formação:

4. *Como sempre estagiei com marketing, então foi levando pra esse caminho e decidi não investir na carreira de jornalista.*

O restante dos entrevistados não contribuiu para a pergunta. Para quem permaneceu no jornalismo, questionamos se houveram mudanças nos métodos de trabalho após a formação.

Questão 6: Se você permaneceu no jornalismo, precisou mudar sua forma de trabalho?

Das 7 respostas positivas, 3 apenas concordaram com a afirmação proposta. O entrevistado de número 3, bem como 8, 11 e 20 exemplificaram as mudanças que aconteceram no ambiente ou função que exerciam.

3. *Sim, tive que desenvolver habilidades para todas as formas de fazer jornalismo: texto print, texto digital, rádio e vídeo.*

8. *Sim, minha formação não ensinou em nada sobre comunicação interna.*

11. *Sim. Alguns exemplos são entrevistas totalmente on-line, mais foco nas divulgações em redes sociais, reuniões virtuais...*

20. *Sim, me adaptando para chegar hoje a UX.*

4.4 ANALISANDO AS MUDANÇAS

O último questionamento da pesquisa por extenso trata da quebra que os formados sentiram na experiência total de transição entre o âmbito acadêmico e a rotina de trabalho. Levando em consideração os diferentes fatores sociais e currículos distintos entre as escolas de comunicação, precisamos relembrar que a influência dos mestres e colegas também se faz presente na formação jornalística. Para Casadei e Avanza (p. 206-207, 2013):

Como produto de um lugar – e, portanto, ligada a todos os problemas relacionados à formação dos grupos –, a atividade jornalística também segue os parâmetros próprios à profissão que são delimitados pelos outros jornalistas e que determinam uma série de procedimentos de trabalho validados, delimitando a partilha entre os métodos de apuração adequados e descreditados e, entre outros aspectos, as bases de julgamento sobre o que será considerada uma boa história. Perpassando desde a delimitação das temáticas que serão privilegiadas enquanto pauta até os procedimentos e métodos de apuração, o preenchimento dos requisitos éticos ou mesmo o próprio trabalho de escrita, o aval do grupo formado pelos outros jornalistas é um dos elementos formadores não só de uma identidade profissional, como também do sistema de referência que compõe a definição de um saber de um grupo.

Para preservar a identidade dos entrevistados e das instituições, as partes sensíveis das respostas serão substituídas por asteriscos.

Questão 7: Qual foi a maior mudança que você notou entre a realidade acadêmica e o mercado de trabalho?

1. *O dia a dia.*
2. *Eu trabalhei sempre em assessoria, na época a assessoria não era abarcada pelo currículo de jornalismo. Então, muito do que aprendi foi atuando.*
3. *A relação com fontes, assessorias, é muito mais íntima, delicada e importante do que a ideia que era passada na faculdade.*
4. *Como trabalho com marketing, o currículo da (*****) não se encaixa em nada com essa área. Praticamente tudo que faço hoje tive que aprender e aperfeiçoar no estágio.*
5. *Sempre notei desde quando estudava que a faculdade na qual estudei (*****) preparava os alunos muito mais para o mercado convencional do que para as novas realidades que já estavam surgindo.*
6. *A graduação no geral não nos prepara para o mercado real, mas um mercado ideal que é inalcançável. No mercado as pessoas precisam pensar rápido e na faculdade a gente aprende "no nosso tempo".*
8. *Há um mercado muito mais amplo que a RBS, a menina dos olhos da (*****)*
9. *A academia prepara você para situações que não propriamente vão acontecer.*
10. *Exigência de habilidades.*
11. *Considero que tive uma formação muito mais teórica do que prática. Meus primeiros empregos durante a pandemia envolviam assessoria de imprensa e redação para redes sociais, duas áreas que tive pouco ou nenhum contato durante a faculdade.*
12. *O idealismo do curso é errado.*
13. *A importância do network é bem maior no mercado de trabalho.*
14. *Muitas outras skills exigidas que não foram nem apresentadas na faculdade.*
15. *Que a academia precisa se atualizar para o mercado, ficar em competências mais práticas e direcionadas ao mercado de trabalho, tentar equilibrar prática com teoria.*

16. *Precisei expandir meus horizontes no mercado de trabalho por entender que a realidade do salário e condições de trabalho principalmente pra jornalistas iniciantes não eram as melhores.*

17. *A graduação no geral não nos prepara para o mercado real, mas um mercado ideal que é inalcançável.*

18. *Percebo que o mercado de trabalho exige habilidades mais voltadas para o jornalismo digital e nessa área tive poucos insumos na faculdade.*

19. *A academia às vezes é um pouco atrasada, principalmente quando o assunto são mídias audiovisuais e redes sociais. A realidade do mercado já não é mais a do jornalismo impresso e do repórter tradicional de rádio e TV, o mercado se adapta e se inova e, principalmente os professores, precisam se atualizar para não fazer com que o sentimento de frustração do novo profissional seja constante por ele não seguir padrões ultrapassados que a academia gosta de insistir.*

20. *Digitalização avançada. Meu currículo era inicialmente baseado no jornalismo impresso, e as outras disciplinas relativamente ligadas ao digital foram poucas ou insuficientes.*

O entrevistado número 7, foi o único a não se manifestar nesta questão. Diante de diversas declarações, precisamos compilar os fatores dominantes a respeito das diferenças. De 19 respostas, a maioria se refere a incompatibilidade do currículo das universidades, que trata muito da teoria, e pouco da prática, especialmente das questões tecnológicas e da parte técnica. Fica claro o consenso entre os entrevistados a respeito da falta de velocidade na forma como os conteúdos são direcionados, o que levou a grande maioria a aprender mais sobre um jornalismo pautado na sala de aula, e não nas rotinas produtivas das grandes empresas.

A discussão entre a realidade dentro e fora da universidade também é apontada mais de uma vez, demonstrando uma quase insatisfação por parte dos entrevistados. A temática do *networking*² retorna na resposta 13 e demonstra que a influência e os contatos formados dentro do curso impactam diretamente na trajetória profissional dos formados.

² *Networking* é o termo em inglês para “rede de contatos”, e no conceito geral trata das relações criadas por meio de contatos e indicações no âmbito profissional, que podem beneficiar seus interligados.

Citando especificamente as universidades, três respostas direcionaram a problematização do curso diretamente à responsabilidade das instituições. Uma delas aborda o favoritismo da faculdade em criar arquétipos nos estudantes para uma emissora do estado, outra particularidade do ensino gaúcho. Os formados em 2019 não tiveram o currículo modificado a tempo para a conversão dos meios de produção online, e isso fica evidente em diversas respostas ao longo de toda a pesquisa.

Sendo assim, podemos compreender o porquê da necessidade das mudanças de culturas dentro das disciplinas.[...] Este tipo de inovação é desejável por parte do mercado jornalístico, mas são raros os casos de jornalistas formados que absorveram os novos conceitos e quebraram os paradigmas clássicos do jornalismo. Espera-se que esta condição inovadora venha da universidade, é para isto que o curso de Jornalismo também deveria servir: criar inovação no âmbito do jornalismo e não ser um mero repetidor de práticas clássicas do mercado. (COMASSETO e BONITO, p.247, 2013)

Outro apontamento dentro da discussão do aprendizado está voltada para o ensino básico de habilidades na área de assessoria. Os entrevistados número 2 e 11 alertaram para a falta de experiência nesta ramificação do jornalismo, mesmo com a gama de oportunidades dentro da mesma sendo extensa e de conhecimento das instituições.

Ainda citando o início da trajetória na busca por empregos, outra situação interpelada nas respostas valida as abordagens da precarização: junto das dificuldades para conseguir uma colocação, os baixos salários e a rotina desgastante para quem está no começo são fatores cruciais para o abandono da profissão.

De forma geral, o panorama dos formados em 2019 se caracteriza por uma insatisfação geral quando trata das competências adquiridas ainda na época de estudo dos entrevistados, mas também revela que mesmo com metodologias defasadas, os profissionais foram capazes em sua maioria puderam utilizar das mesmas para integrar suas atuais profissões, que na maioria dos casos, ainda está relacionada a área da comunicação.

Também é importante lembrar que esse reaproveitamento está diretamente ligado a reinvenção e adaptação, que surgiram de maneira não natural nos entrevistados, mas sim em decorrência de necessidades financeiras.

5 CONCLUSÃO

Para entender os rumos do jornalismo contemporâneo, a presente monografia se concentrou em identificar o cenário da profissão após 2020, levando em consideração os fatores mercadológicos como a precarização do jornalismo, a pluralidade das tecnologias nos diferentes meios de informação e o impacto causado pela pandemia de Covid-19 tanto na distribuição, quanto na produção das informações. Compreendendo estas perspectivas juntamente das condições acadêmicas, que vão desde o currículo pautado pelas diretrizes nacionais, passando por questões como a obrigatoriedade do currículo e até a influência causada por cada universidade no âmbito profissional, optamos por conhecer de perto a realidade de estudantes formados em jornalismo.

Trabalhamos com as diferentes etapas da jornada dos alvos da pesquisa, desde o início da experiência com o mercado, a busca por identificação com uma área, as dificuldades em encontrar remuneração e estágios compatíveis com os métodos em sala de aula até o encontro com a realidade fora da universidade.

Ao realizar o questionário qualitativo com estudantes formados em 2019 em universidades públicas e privadas, pudemos esclarecer o déficit que existe entre a vontade e a realização na carreira como jornalista. Além dos ideais éticos, normas e aptidões mais voltadas ao jornalismo de veículos tradicionais, os entrevistados também demonstraram que existe a necessidade da renovação constante no jornalismo.

Mesmo com o empenho de mestres e a dedicação às práticas normalmente atribuídas ao papel do jornalista, percebemos a importância na convergência e adaptação de toda uma classe, principalmente se tratando da desinformação. Fatores como renda, oportunidades, contatos e afinidade com o jornalismo interferem diretamente na profissão dos jornalistas que responderam o questionário, só que neste caso, todos precisaram lidar com a crise sanitária e novos padrões de consumo, produção e exigência por parte do público, empregadores e sociedade em geral.

Positivamente, podemos relatar a proximidade dos formados com a profissão escolhida, mesmo 4 anos após a formação, já que a maioria relatou utilizar as habilidades desenvolvidas no curso em outras áreas correlatas ao jornalismo.

Por fim compreendemos que mesmo com técnicas que retrocedem ao jornalismo do papel e da televisão, com a falta de investimento na educação tecnológica e a incompatibilidade entre a universidade e o mercado de trabalho, os formados tiveram como rumo, em sua maioria, a permanência e a valorização do ensino obtido enquanto estudantes, mesmo identificando suas falhas. Tornou se parte do processo dos novos jornalistas, buscar a renovação da profissão para os que pretendem ingressar futuramente no mesmo campo do conhecimento.

6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. D. **A obrigatoriedade do diploma e a identidade jornalística no Brasil: um olhar pelas margens.** Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17418>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ALMEIDA, HELLEN PEREIRA. **JORNALISMO TRADICIONAL E ALTERNATIVO:** Disponível em: <<http://www.revistas.uniflu.edu.br:8088/seer/ojs-3.0.2/index.php/discente/article/view/360>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação a Filosofia do Jornalismo.** Segunda edição. Editora da Universidade de São Paulo; Com Arte. 1992.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BERNARDO, C. H. C.; LEÃO, I. B. **Estágio em jornalismo: uma relação marcada por conflitos entre os interesses do Estado, do mercado e da academia.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/download/138/77>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BERNARDO, C. H. C.; LEÃO, I. B. **Formação do jornalista contemporâneo: a história de um trabalhador sem diploma.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/9XbttNwC3vTMQFSGKsQmjtz/?lang=pt>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BERTOLINI, J. **Jornalista multimídia e multitarefa: o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo.** Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/16897/pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BIANCO, N. D. **A Internet como fator de mudança no jornalismo.** Disponível em: <<https://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BULHÕES, J.; RENAULT, D. **A precarização da prática jornalística: uma revisão bibliográfica sobre o impacto das condições de trabalho na saúde e qualidade**

de vida do jornalista. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/414/424>. Acesso em: 15 jun. 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. PEC restabelece exigência de diploma para jornalista - Notícias. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/COMUNICACAO/137462-PEC-RESTABELECE-EXIGENCIA-DE-DIPLOMA-PARA-JORNALISTA.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.

CASADEI, E. B.; AVANZA, M. F.; ENSINO. **Esferas de sociabilidade na formação dos valores profissionais dos estudantes brasileiros: entre a educação universitária e o mercado de trabalho.** [s.l.] REVISTA BRASILEIRA DE ENSINO DE JORNALISMO, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/135208/ISSN1981-4542-2013-03-13-202-219.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jun. 2023.

CASERO-RIPOLLÉS, A. **O Impacto da Covid-19 no Jornalismo: Um Conjunto de Transformações em Cinco Domínios.** Disponível em: <https://journals.openedition.org/cs/5920>. Acesso em: 15 jun. 2023.

COELHO, P. M. R. S. **A formação académica para o jornalismo do século XXI: sobre questões de prática e técnica Jornalismo e mercado - os novos desafios colocados à formação.** Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/12109>. Acesso em: 15 jun. 2023.

COMASSETTO, LR; BONITO, M. **Práticas inovadoras em busca de novas perspectivas para o Jornalismo.** [sl] Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, 2013. Disponível em: <https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/download/247/170>. Acesso em: 15 jun. 2023.

DANTAS, J. B. A. et al. **Crise, Precarização e Mudanças Estruturais no Jornalismo: Reflexões Sobre Tendências Teóricas.** Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34618/1/ARTIGO_CrisePrecarizacaoMudancas.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.

DE GUZMAN, A. B. et al. **Concept of Care, Caring Expectations, and Caring Frustrations of the Elderly Suffering from Chronic Illness**. Disponível em: <<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/5363/5284>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

DEL BIANCO, N. **A Internet como fator de mudança no jornalismo**. Disponível em: <https://www.academia.edu/70433320/A_Internet_como_fator_de_mudan%C3%A7a_no_jornalismo>. Acesso em: 15 jun. 2023.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. **Além do Jornalismo**. Disponível em: <<https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/74>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

FENAJ. **Pesquisa aponta que 80% dos estagiários de Jornalismo no CE têm carga horária desrespeitada**. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/pesquisa-aponta-que-80-dos-estagiarios-de-jornalismo-no-ce-tem-carga-horaria-desrespeitada/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

FENAJ. **MP 936: Mais de 4 mil jornalistas do país tiveram impactos salariais durante a pandemia**. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/mp936-afeta-mais-de-4-mil-jornalistas/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

FERREIRA, C. F. G. **A instantaneidade das notícias online**. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/6052>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

FIDALGO, J. **Em trânsito pelas fronteiras do Jornalismo**. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cp/5522>>. Acesso em: 5 jun. 2022.

FIGARO, R. **JORNALISMOS E TRABALHO DE JORNALISTAS: DESAFIOS PARA AS NOVAS GERAÇÕES NO SÉCULO XXI**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002672767.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

GERHARDT, TE; SILVEIRA, DT **Métodos de Pesquisa**. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=dRuzRyElzmkC&oi=fnd&pg=PA9&dq=As+caracter%C3%ADsticas+da+pesquisa+qualitativa+s%C3%A3o++objetivo>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HENRIQUE, B.; PELLIZZARI, M.; BARRETO, I. **BOLHAS SOCIAIS E SEUS EFEITOS NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: DITADURA DO ALGORITMO E ENTROPIA NA INTERNET**. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/288182163.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

LETRAS, A.; FERNANDA, C.; FERREIRA, G. **A instantaneidade das notícias online: O caso do Observador**. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/6052/1/4404_8477.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

LIMA JUNIOR, W. T. **Jornalismo computacional em função da “Era do Big Data”**. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/329>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

LOPES, D.; BONISEM, F. **O Jornalismo na Era Digital: Impactos Percebidos por Repórteres e Editores 1**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0800-1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MAIA, B. **As transformações no ethos do jornalista: a reformulação dos valores profissionais perante um cenário de convergência**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2018v15n1p08>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000.

MELOC.; SIQUEIRA, F. **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na internet**. Disponível em:

<https://www.academia.edu/49128610/Jornalismo_em_tempos_de_pandemia_reconstruindo_figuras_na_TV_e_na_internet>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MIRANDA, J.; FIDALGO, J.; MARTINS, P. **Jornalistas em Tempo de Pandemia: Novas Rotinas Profissionais, Novos Desafios Éticos**. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cs/5619>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MORAES JUNIOR, E.; ANTONIOLI, M. E. **Jornalismo e newsmaking no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário online**. Revista Alterjor, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 43-52, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/121436>. Acesso em: 29 jun. 2023.

MOURIM, R.; LOVISOLO, H. **A formação do jornalista esportivo -diploma ou talento A formação do jornalista esportivo - diploma ou talento**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_03/contemporanea_n03_01_mourim_lovisolo.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PADIN FERREIRA, A. J. **O jornalismo e as novas formas de financiamento de projetos de comunicação nas mídias digitais**. Disponível em: <<https://fatecpg.edu.br/revista/index.php/ps/article/view/23/19>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PENTEADO, R. Z.; GASTALDELLO, L. M. **Saúde e qualidade de vida de jornalistas: estudo de revisão**. Disponível em: <<https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/4368/pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PEREIRA, F. H., e Z. L. Adghirni. **O Jornalismo Em Tempo De Mudanças Estruturais**. Intexto, nº 24, julho de 2011, p. 38-57. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/19208>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo**. Décima Edição. 2002. Editora Print, Coleção Primeiros Passos 15.

Perfil do Jornalista Brasileiro 2021. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PITHAN, L. H. **Mudar ou partir : o impacto da era de demissões da imprensa sobre jornalistas.** Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/184529>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PODER 360. **Jornais impressos: circulação despensa 16,1% em 2022.** Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/jornais-impressos-circulacao-despenca-161-em-2022/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

REVISTA VEJA. **Brasil lidera consumo de notícias online na América Latina, diz pesquisa | Radar Econômico.** Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/radar-economico/brasil-lidera-consumo-de-noticias-online-na-america-latina-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

RIDENTI, M. **Censura e ditadura no Brasil, do golpe à transição democrática, 1964-1988.** Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/39848/27922>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

RUELLAN, D. **Corte e costura do jornalismo.** LÍBERO, v. 0, n. 18, p. 31–40, 14 nov. 2016.

SANTIAGO, D. G. **Ameaças e desafios do jornalismo contemporâneo.** Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cp/593>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SOUSA, A. S. DE; OLIVEIRA, G. S. DE; ALVES, L. H. **A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS.** Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SOUZA, V., Livia de. **Parâmetros éticos para uma política de correção de erros no jornalismo online.** Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129258>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

STEGANHA, R. [UNESP. **Jornalismo na internet: a influência das redes sociais no processo de confecção das notícias de entretenimento e celebridade.** Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/89508>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

THIBES, A.; NICOLETTI, J. **Evolução salarial dos jornalistas de 2005 a 2015: Indicativos de precarização do trabalho.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Janara_Nicoletti/publication/344807311_Evolucao_salarial_dos_jornalistas_de_2005_a_2015_Indicativos_de_precarizacao_do_trabalho/links/5f9157bca6fdccfd7b748351/Evolucao-salarial-dos-jornalistas-de-2005-a-2015-Indicativos-de-precariozacao-do-trabalho.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

WAINBERG, J. A. **Mensagens fakes, as emoções coletivas e as teorias conspiratórias.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/gal/a/yhnpNZWbxsdYFprjryJcghz/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

WOLF, M. **TEORIAS DA COMUNICAÇÃO Mass media: contextos e paradigmas Novas tendências Efeitos a longo prazo O newsmaking Textos de apoio.** Disponível em: <<https://www.inovaconsulting.com.br/wp-content/uploads/2016/09/teorias-da-comunicacao-by-mauro-wolf.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

YOLE, M. **A reconfiguração do jornalismo pela notícia “viral”.** Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/forum-dos-estudantes/a-reconfiguracao-do-jornalismo-pela-noticia-viral/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ZIP RECRUITER BLOG. **The Most Regretted and Most Loved College Majors.** Disponível em: <<https://www.ziprecruiter.com/blog/regret-free-college-majors/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

